

FINANÇAS

País deve vender US\$ 3 bilhões em títulos

Especialistas internacionais esperam sucesso dos papéis para alongamento da dívida externa brasileira

SERGIO LEO

Roberto Castro/AE



Franco: comemoração do desempenho dos títulos brasileiros

BRASÍLIA — Analistas e operadores do mercado financeiro acreditam que o governo brasileiro conseguirá vender mais de US\$ 1 bilhão em bônus da dívida externa de 30 anos, os Brazil 27, assim chamados em referência ao ano de vencimento dos títulos. As avaliações do mercado oscilam muito. Há previsões de vendas de US\$ 1 bilhão até US\$ 4 bilhões. Mas a maioria dos especialistas acredita ser possível a venda de US\$ 3 bilhões, a uma taxa (spread) em torno de 3,75 pontos percentuais acima dos juros dos títulos do governo norte-americano.

Na venda desses bônus, também chamados global bonds, o governo vai aceitar, como moeda, papéis lançados com a renegociação da dívida externa, os Brady bonds. O anúncio da operação, feito semana passada, aumentou a procura pelos C bonds, um dos papéis aceitos na troca. Como o valor dos papéis no mercado está acima do que o Brasil se dispõe a aceitar na troca pelos bônus novos, quem compra esses papéis para negociá-los pelos novos títulos brasileiros está concordando em pagar um ágio de quase 5%, segundo especialistas.

“A movimentação dos preços dos C bonds é a maior demonstração do interesse nos papéis brasileiros”, comenta o gerente de Operações Internacionais do Banco Graphus, Cláudio Freitas. “Há uma demanda muito alta pelos global bonds brasileiros”, confirma Mathews Muniut, chefe da mesa de trading internacional do Banco Fonte Cindam. Apenas parte do lançamento (não superior a 25%) poderá ser comprada em dinheiro pelos interessados. Essa fatia se destina princi-

palmente a investidores que não negociam com Brady bonds, como os fundos de pensão americanos.

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, que viajou ontem a Nova York para divulgar os bônus para possíveis compradores, tem esperança de vender os títulos por um spread de 3,5 pontos percentuais, taxa obtida

pelo México, que tem melhor classificação de risco nas empresas avaliadoras internacionais.

Franco comemorou na semana passada o desempenho dos lançamentos anteriores dos global bonds de menor prazo. Os novos

títulos são negociados com ágio (e não deságio, como costuma ocorrer com os Brady bonds) e os aplicadores aceitam receber juros menores do que os de lançamento.

Um exemplo são os bônus emitidos em outubro, US\$ 750 milhões, com cinco anos de prazo. São cotados 3% acima do valor de face, com spread de 1,61 ponto superior aos juros dos títulos americanos. Ao serem lançados, esses títulos tinham spread de 2,65 pontos. Os bônus em ienes têm cotação 6% acima do valor de face.

Nenhum desses papéis, porém, é considerado ainda referência segura para o risco dos investidores que decidem aplicar em títulos brasileiros de longo prazo. É essa medida de risco que o governo espera obter com os resultados do lançamento do Brazil 27.

**OPERAÇÃO
COM OS BÔNUS
TEM ÁGIO DE
QUASE 5%**